

5. Artigo

“Algumas idéias - Machado de Assis e o universo do trabalho”.

Vania Cunha Mattos. Juíza Titular da 13ª Vara do Trabalho de Porto Alegre

Na esteira das comemorações do centenário da morte do ilustre escritor Machado de Assis, proponho uma outra visão sobre alguns trabalhos do escritor, cuja obra não esgota interpretações nas mais diversas áreas.

A presente interpretação objetiva um olhar sobre como o mundo do trabalho foi enfocado em alguns contos de Machado de Assis. A atualidade das suas observações seja na política, na economia, ou na sociologia, dentre outras, em seus romances, crônicas ou contos é expressão da grande genialidade do escritor, que ultrapassa o seu tempo e produz, mais de cem anos após a publicação de seus primeiros escritos, uma profunda reflexão neste século.

O século machadiano retratou basicamente a sociedade do final do século XIX, em período anterior à proclamação da república e à abolição da escravatura.

O que se verifica em princípio é uma aparente contradição entre o profundo humanismo do autor e uma leniência com o trabalho escravo, ainda que, na maioria dos casos, haja a visão *oblíqua* do escritor e, não raro, a crítica fria e cortante dos pilares da sociedade desta época. Não há dúvida que Machado de Assis, em suas diversas obras, produziu um olhar crítico sobre a sociedade, ainda que, em certos casos, de forma enviesada.

Por exemplo, no conto *Pai contra Mãe*, inserto na seleção dos melhores contos do escritor¹, o trabalho do protagonista – captura de escravos fugitivos – , é tolerado como forma de sobrevivência, ou como uma forma de trabalho regular e autônomo, ainda que precário.

O valor da remuneração do agente – prêmio ou gratificação – é pago por terceiro, no caso, o dono do escravo capturado, o que significa que esse tipo de trabalho é legítimo dentro da ótica de uma sociedade em que o trabalhador escravo é o que realiza as atividades não realizadas por homens livres.

O autor menciona no citado conto²:

‘(...) Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncio nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” –ou “ receberá uma boa gratificação” (...).’

‘(...) Ora pegar escravos fugitivos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza, implícita nas ações reivindicadoras. (...)’

Não há dúvida, no entanto, que muito antes de ser o idealizador e fundador da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis exerceu atividade remunerada; foi funcionário público e, em seus testamentos³, não se vislumbra a ‘condição de rentista ou acionista’, tão comuns naqueles tempos.

O testamento de 31 de maio de 1906 lega os seus bens para a filha de sua sobrinha, Sara Braga da Costa, a menina Laura, e consistem estes, além dos direitos autorais de suas obras, os *investimentos* do escritor:

‘(...) Declaro que sou possuidor de doze (12) apólices gerais da dívida pública do valor de um conto de réis cada uma e do juro de 5% ao ano, de números 197.635, 197.636, 197.637, 197.638, 197.639, 197.640, 197.641, 197.642, 197.643, 197.644, 197.645, 197.646, as quais se acham depositadas no London and Brazilian Bank Limited.

¹ 50 contos de Machado de Assis, selecionados por John Gledson, Ed. Companhia das Letras, São Paulo, págs. 466-75

² obra citada, pág. 467

³ v. A economia em Machado de Assis – o olhar oblíquo do acionista, organizada por Gustavo H.B. Franco, Zahar Jorge Editor, Rio de Janeiro, págs. 246-50

Possuo também algum dinheiro depositado em conta corrente no mesmo banco e várias quantias recolhidas à Caixa Econômica em caderneta nº14.304 (2ª série) (...)"

O que deve ser ressaltado é que o conceito de trabalho no século vivido por Machado de Assis não é o mesmo que perpassou para o século XX, em especial, porque já eliminado o trabalho escravo com a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888.

No final do século XIX, o trabalho particularmente o mais humilde ou o mais pesado era visualizado como uma espécie de pena, e não integrativo da dinâmica da sociedade.

A denominada elite não trabalhava, no conceito moderno do que hoje se qualifica trabalho em sentido amplo, porque vivia de rendas – públicas ou privadas – , ficando relegado aos escravos o trabalho dito produtivo, mas não remunerado.

Na obra *A economia em Machado de Assis* – o olhar oblíquo do acionista, organizada por Gustavo H.B. Franco⁴, cita a herança de 'Quincas Borba'⁵, como a composição 'típica de um rico na faixa de 300 contos, ao redor de 1867':

'Quando o testamento foi aberto Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal do testador. Não cinco nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil, e de outras instituições, jóias, dinheiro amoldado, livros – tudo finalmente passava às mãos de Rubião, sem desvios, sem deixar a nenhuma pessoa, nem esmolas, nem dívidas.'

Em outro conto – *O Empréstimo*⁶ -, o escritor narra a tentativa do personagem Custódio na obtenção de um empréstimo de 'cinco contos de réis' para virar sócio de uma 'fábrica de agulhas, indústria nova de imenso futuro' junto ao escrivão Vaz Nunes.

' (...) – Cinco contos ?

- Sim, senhor.

- Mas Sr. Custódio, não posso, não disponho de tão grande quantia. Os negócios andam mal; e ainda que andassem muito bem, não poderia dispor de tanto. Quem é que pode esperar cinco contos de um modesto tabelião de notas ? (...)

- Não imagina os apuros em que estou!

- Nem cem, repito. Tenho tido muitas dificuldades nestes últimos tempos. Sociedades, subscrições, maçonaria ... Custa-lhe crer, não é? Naturalmente: um proprietário. Mas, meu amigo, é muito bom ter casas: o senhor é que não conta os estragos, os consertos, as penas-d'água, as décimas, o seguro, os calotes, etc. São buracos do pote, por onde vai a maior parte da água...

- Tivesse eu um pote! Suspirou Custódio. (...).'

Em outros termos, na sociedade de então, havia muita dificuldade ou quase impossibilidade de mobilidade social, no sentido de que os integrantes da classe pobre dificilmente teriam condições de ascensão a uma outra classe economicamente mais rica, a não ser por um golpe de sorte (loteria) ou por direito hereditário.

Do contrário, inviável, mesmo através do estudo, uma mudança radical de uma classe para outra.

Os grandes produtores de café, por exemplo, além da utilização do trabalho escravo e, após a abolição, do trabalho dos imigrantes, não raro, detinham os mais diversos subsídios governamentais com a finalidade exclusiva de manutenção de seus feudos econômicos.

Nesse sentido, o trabalho do escravo, por óbvio, interferia na economia do país, no entanto não gerava qualquer renda para os trabalhadores, que nem detinham essa condição, porque os escravos eram considerados 'coisas' tanto que passíveis de serem transferidos seja por alienação *inter vivos* ou *mortis causa*, em caso de transmissão hereditária.

⁴ Parte I, Introdução, págs. 21-22

⁵ Obras Completas, capítulo 14

⁶ Obra citada, págs. 138-145

Os testamentos são fontes da história. O escritor Robert W. Slenes⁷ narra fato, datado de 1869, que bem ilustra as transferências de bens (escravos), assim como as relações interpessoais que, em certos casos, diferentemente, não tinham fronteiras muito delimitadas.

'(...) Ao tornar-se maior de idade em 1869, no município de Campinas, São Paulo, um jovem compõe um documento extraordinário, formulado na linguagem da propriedade, mas carregado de emoção: "Digo eu, Isidoro Gurgel Mascarenhas, que entre os mais bens que possuo (...) sou senhor e possuidor de uma escrava de nome Ana (...) [recebida na herança] de meu Pai Lúcio Gurgel Mascarenhas (...) e como a referida escrava é minha Mãe, verificando-se a minha maioridade hoje, pelo casamento de ontem, por isso achando-me com direito, concedo à referida minha Mãe plena liberdade, a qual concedo de todo o meu coração (...)'.

No conto *O Alienista*⁸ perpassam inúmeras atividades, algumas um pouco mais sofisticadas, reveladoras, no entanto, também de uma elite instruída, que, na maioria dos casos, eram as detentoras do poder político e social.

O protagonista do conto – Dr. Simão Bacamarte – é um médico, que para atingir os seus objetivos na construção de uma casa de 'Orates' (a Casa Verde) vai até a câmara

'(...) onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo, ao que pedira votando ao mesmo tempo um imposto de destinado a subsidiar o tratamento, o alojamento e mantimentos dos doidos pobres. A matéria do imposto não foi fácil achá-la; tudo estava tributado em Itagui. Depois de longos estudos, assentou-se em permitir o uso de dois penachos nos cavalos dos enterros. Quem quisesse emplumar os cavalos de um coche mortuário, pagaria dois tostões à câmara, repetindo-se tantas vezes esta quantia quantas fossem as horas decorridas entre a do falecimento e a da última benção na sepultura. O escrivão perdeu-se nos cálculos aritméticos do rendimento possível da nova taxa; e um dos vereadores, que não acreditava na empresa do médico, pediu que se relevasse o escrivão de um trabalho inútil (...)'.

Em *Teoria do Medalhão*⁹ há a explanação de uma teoria sobre escolhas profissionais feitas pelo pai ao filho, que completara, naquela oportunidade, vinte e um anos, como forma de se elevar "acima da obscuridade comum".

O autor, por meio dessa estranha e cínica teoria, na verdade, critica a própria sociedade da época, visto que, sinteticamente, aconselha que, para se elevar acima das pessoas comuns, o nominado "medalhão" deveria deter, em alguma carreira, tão-somente a forma e nunca o conteúdo.

E, além disso, marca claramente o distanciamento entre a conceituação de trabalho no Brasil Imperial – destinado aos pobres e escravos – e uma "carreira", até porque, para a elite, o trabalho somente se justifica como forma de dominação em relação aos mais pobres, aos mais humildes, ou a todo o resto. A elite é a única capaz de dirigir os destinos do país.

Narra o autor :

'(...) Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras, ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. (...)'.

'(...) Não se falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. (...)'.

(...) Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável de figura obrigada, de

⁷ v. Capítulo 5 – Senhores e Subalternos no Oeste Paulista, na obra *História da Vida Privada no Brasil*, 2, Coleção dirigida por Fernando A. Novais, volume organizado por Luiz Felipe de Alencastro, Ed. Companhia das Letras, 1997, pág.234

⁸ Obra citada, págs. 38-81

⁹ Obra citada, págs. 82-90



rótulo. Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesado e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores, o anilado dos céus, o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e suculento dos relatórios. E ser isso é o principal porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e cru, é o naturalismo do vocabulário.

- E parece que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os déficits da vida?

- Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.

- Nem política?

- Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma idéia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhes somente a utilidade do scibboleth¹⁰ bíblico.

(...) Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc. (...)'.

O conceito de trabalho sofreu uma grande evolução no Brasil até o estágio atual, em que inserto como princípio constitucional e como forma de realização do ser humano e de sua família, com uma centralidade ainda existente em nossos dias.

No entanto, ao tempo de Machado de Assis, as coisas eram diversas.

¹⁰ * que significa espiga – Juízes 12:5-6